

Transição inflacionária

Vicente Nunes e
Fernanda Nardelli
Da equipe do **Correio**

A transição para o próximo governo será muito mais turbulenta do que se imaginava. Com a inflação em alta, os preços do dólar fora de controle e a atividade econômica quase parado, o futuro presidente pegará o país mergulhado em grave crise. O alerta foi feito pela diretoria do Banco Central, por meio da ata da reunião extraordinária do Comitê de Política Monetária (Copom), realizada na última segunda-feira, para justificar o aumento da taxa básica de juros de 18% para 21% ao ano.

"O Copom vinha baseando suas projeções em um cenário básico no qual a transição para o futuro governo ocorreria sem turbulências exageradas ou prolongadas", destacou a diretoria na ata. Nesse cenário, o dólar se manteria em, no máximo, R\$ 3,20 e os juros de 18% seriam suficientes para evitar o repasse da alta do dólar para os preços. O problema, admitiram os diretores do BC, foi que, da última reunião do Comitê, em setembro passado, o dólar batteu nos R\$ 3,90. E, mesmo com a retração da economia, a valorização da moeda norte-americana contaminou, de uma forma geral, os preços livres da economia, sobre os quais o governo não tem controle.

Com isso, todos os índices de inflação deram saltos expressivos, podendo bater em dois dígitos tanto neste ano quanto em 2003. O Banco Central trabalha para este ano com inflação acima de 7%. Mas especialistas em preços já falam em um IPCA, índice que serve de parâmetro para a meta de inflação, entre 9,5% e 10% para 2002 e entre 10% e 15% para o ano que vem. Desde 1995, não se via no país índice de inflação de dois dígitos.

"O aumento da projeção de inflação para acima da meta ajustada para 2003, de 5,9%, recomenda uma política monetária mais restritiva", afirmaram o presidente do BC, Arminio Fraga, e os demais diretores do banco. Ou seja, os juros mais altos ajudarão a inibir a produção e a venda, dificultando o repasse da alta do dólar para os preços. Para este ano, a meta de inflação era de 3,5%, podendo oscilar dos pontos para cima ou para baixo. Para 2003, a meta fixada pelo governo é de 4%, com 2,5 pontos de oscilação para menos ou para mais. Este será o segundo ano consecutivo que o governo não conseguirá cumprir a meta de inflação.

"Essas metas já são coisas do passado", disse o professor Luiz Roberto Cunha, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ).

"O próximo presidente pode se preparar para pedir metas para flexíveis ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Os números definidos pelo atual governo estão fora da realidade", afirmou. Na ata do Copom, a diretoria do BC reconheceu que, mantidos os juros de 18% a o ano, o descontrole inflacionário seria real. Mas ninguém garante que uma taxa de 21% será suficiente para conter os atuais reajustes de preços. "O ideal seria

um choque de juros, uma taxa de 40% ao ano", afirmou Eduardo Moraes, sócio-diretor da Corretora Bittencourt.

OS MAIS PREJUDICADOS

Como nos tempos de hiperinflação, que acabaram com a entrada em vigor do Plano Real, em julho de 1994, é a população mais pobre que está sofrendo com a disparada dos preços. Pesquisa do Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas (Dieese) registrou ontem alta de 0,54% na cesta básica em relação ao dia anterior na região metropolitana de São Paulo. O grupo alimentação teve reajuste de 0,46%, os produtos de higiene e limpeza subiram 1,50% e os de higiene pessoal, 0,23%. Dos 68 itens que compõem a cesta básica, 37 tiveram aumento de preços.

Somente neste mês, a cesta básica subiu 0,86%. Nos últimos 30 dias, o reajuste foi de 4,01% e, no ano, de 11,29%. O Dieese fez outra constatação alarmante. Há uma disparidade brutal nos preços da cesta básica, muito comum nos períodos de hiperinflação. Na região metropolitana de São Paulo, é possível comprar a cesta básica por R\$ 121,65 ou por R\$ 245,01, uma diferença de 101%. "Romperam-se todas as barreiras para o repasse da alta do dólar para os preços. E esse repasse vai perdurar por um bom tempo", disse Eduardo Moraes.

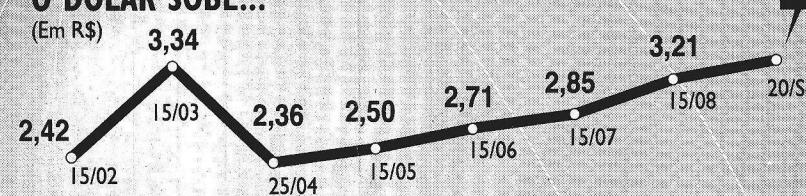
Para o economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio, Carlos Thadeu de Freitas Gomes, não existe demanda que justifique um aumento tão grande dos preços, como o verificado nas últimas semanas. "A inflação está acima do esperado, mas, felizmente, ainda não podemos dizer que o país passa por um descontrole inflacionário", ressaltou. Ele acredita que, com as medidas adotadas pelo BC e o fim da pressão sobre o dólar, o cenário econômico tende a ficar menos nebuloso.

CRISE DE CONFIANÇA

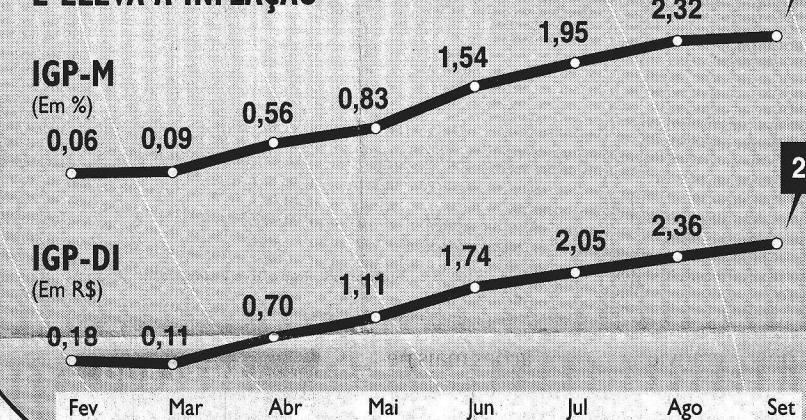
Oeconomista afirmou, também, ser pouco provável que o Banco Central aumente novamente as taxas de juros na semana que vem, quando o Copom se reúne. "Acho que o BC vai esperar um pouco mais, mas se o dólar subir na segunda ou na terça, aí não haverá outra saída", analisou. Ontem, o dólar fechou a R\$ 3,92, com valorização de 1,6%.

As preocupações do BC em relação à transição de governo também são refletidas no mercado. Para Fábio Fender, responsável pela área de câmbio da Corretora Liquidez, o país passa por uma crise de confiança. "O mercado acredita que o candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, tem 90% de chances de ser eleito no próximo dia 27. E os investidores não querem assumir o risco de um governo petista. Por isso, está superaplicado

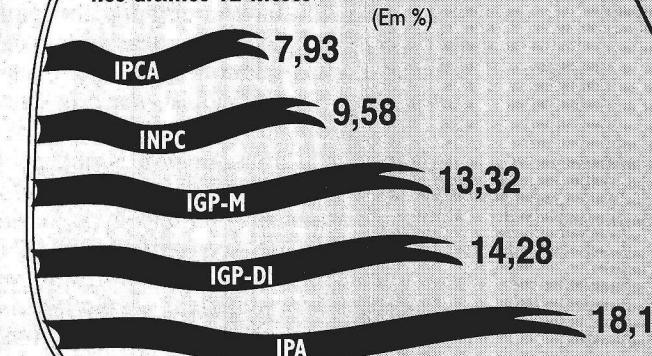
O DÓLAR SOBE...



E ELEVA A INFLAÇÃO



Variação da inflação nos últimos 12 meses



Editoria de Arte: Amaro Junior

IPCA
Índice Geral de Preços ao Consumidor Amplo
Calculado pelo IBGE, reflete o custo de vida para famílias com renda mensal de um a 40 salários mínimos. É usado nas metas de inflação do governo. A meta deste ano já está estourada

INPC
Índice Nacional de Preços ao Consumidor
Calculado pelo IBGE para famílias com renda de um a oito salários mínimos

IGP-M
Índice Geral de Preços de Mercado
Calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Muito usado em contratos de aluguel e financiamento de imóveis

IGP-DI
Índice Geral de Preços Disponibilidade Interna
Calculado pela FGV. É um dos mais afetados pela alta do dólar. É usado para corrigir as contas do governo

IPA
Índice de Preços no Atacado
Calculado pela FGV. O atacado é composto pelas empresas que vendem ao varejo (supermercados, por exemplo). O índice elevado demonstra que há pressão sobre os preços pagos pelo consumidor

em dólar", disse.

Na avaliação do diretor-técnico da Associação Brasileira do Mercado de Capitais (Abamec), Carlos Antônio Magalhães, o melhor para o mercado é que o período eleitoral passe rápido. Com a ameaça de recessão e com os juros, o dólar e a inflação em alta, os agentes econômicos não ficam motivados a investir na produção nem a estimular o consumo. "Estamos em um fase de desinvestimento. Para os investidores, o melhor seria dormir hoje e só acordar depois do dia 27", ressaltou.

CÂMBIO É FLUTUANTE

Na ata divulgada ontem, a diretoria do BC destacou que a convocação de uma reunião extraordinária do Copom teve como objetivo mostrar que a instituição não está paralisada diante da crise que, há meses, atormenta o Brasil. Os integrantes do Copom, afirmaram, também, que, independentemente da brutal elevação dos preços do dólar, a política monetária (leia-se, juros altos) continua sendo calibrada exclusivamente para manter a

inflação dentro das metas fixadas pelo governo. "O Copom não está querendo determinar o nível da taxa de câmbio no país", afirmaram.

O diretores do BC admitiram, no entanto, que uma rápida reversão nas cotações do dólar seria importante para manter a inflação sob controle. A queda dos preços do dólar poderia vir, segundo o BC, por meio da retomada da confiança na condução futura da política econômica. Um recado claro para os dois candidatos à presidência, Lula, do PT, e José Serra, do PSDB.